

## LUGAR DE ARTE *por Lu Gastal*



### Bordado como ato de presença

“Quanto mais a gente borda, melhor a gente fica.” A frase da artesã e empresária Juliana Padilha, criadora da Confraria da Agulha, sintetiza o espírito de um projeto que vai muito além de ensinar pontos: trata-se de um refúgio para a alma. Fundada em Salvador (BA), a Confraria nasceu do desejo de resgatar o tempo das mãos e devolver o ritmo do bordado ao cotidiano. Mas o que começou como uma oficina entre amigas, cresceu — e hoje é uma comunidade de centenas de mulheres que encontram nesse trabalho manual não só técnica, mas também acolhimento e conexão consigo mesmas. As rodas de bordado, presenciais e virtuais, funcionam como encontros terapêuticos. Entre linhas, bastidores e conversas sinceras, o que se costura ali vai muito além do tecido. Os encontros são conduzidos com escuta ativa, respeito ao tempo de cada uma e uma didática afetuosa que

faz qualquer iniciante se sentir capaz. A cada mês, a Confraria apresenta um novo projeto autoral — que inclui risco exclusivo, videoaula detalhada e materiais complementares. Juliana, com sua formação em psicologia e seu amor pelo handmade, conduz essas vivências como experiências de autoconhecimento. Para ela, o bordado é uma ferramenta de cuidado, autoestima e ancestralidade. Os projetos da Confraria também têm forte conexão com a cultura brasileira, a valorização do feminino e as narrativas pessoais de suas participantes. E, para quem acredita que não tem habilidade ou coordenação, Juliana costuma dizer: “Bordar é um caminho, não um dom. A gente aprende juntas, ponto a ponto.”



FOTOS DIVULGAÇÃO

